



acompanhamento do texto (pp. 467-476), e um útil índice onomástico a fechar uma Obra que trará certamente grande proveito a todos os que no nosso país, dos cursos de licenciatura aos de mestrado, se dedicam ao estudo do Egípto faraónico.

*Luís Manuel de Araújo*

**DOMINIQUE VALBELLE**, *Histoire de l'État Pharaonique*, Col. Thémis – Histoire, Presses Universitaires de France, Paris, 1998, 450 p.  
ISBN 2-13-049317-3.

Já se terá perdido a conta ao número de obras que nos últimos cem anos têm sido publicadas versando sobre a história do Egípto faraónico. Mas esta não é «mais uma» edição sobre o tema: houve, notoriamente, a intenção de a individualizar e a diferenciar entre o vasto manancial já conhecido, propondo-se a Autora, como o título logo aponta, estudar e dar a conhecer o antigo Egípto, «le plus vieil État du monde» (p. 7), por um prisma político-ideológico. Por isso este oportuno volume da egiptóloga Dominique Valbelle, professora na Universidade de Lille III, surge inserido numa colecção, Thémis-Histoire, de cariz marcadamente politológico.

A primeira parte abre com «Les débuts de l'histoire et le mythe» (cap. 1, pp. 9-34), onde são apresentados os registos que permitem hoje evocar os primeiros reis do Egípto, a natureza do poder real, a administração das dinastias tinitas e as manifestações da política interna e externa desses recuados tempos. O capítulo 2 revela-nos «L'État égyptien au début de l'Ancien Empire» (pp. 35-55), com os soberanos da III e da IV dinastias, o culto real e o culto divino levados a preceito nessa época de espectaculares construções em pedra, demonstrando como os grandes complexos funerários reais de Sakara, Dahchur e Guiza petrificam as relações entre a monarquia e o mundo divino e como funcionam as instituições e a política da administração provincial e central dirigidas pelo vizir (*tjati*) e por altos funcionários. O capítulo seguinte evoca-nos «Une monarchie solaire» (pp. 57-75), com os filhos de Ré na V dinastia de influência heliopolitana e a sua legitimidade, as coevas estruturas governamentais onde se verifica a evolução do vizirato e da administração (na qual pontificam os letrados e dignitários «interprètes des valeurs

morales») e as formas da política. Em «La sauvegarde des institutions monarchiques» (cap. 4, pp. 77-97) revemos a VI dinastia e a ideologia monárquica que a caracterizou, a política interna e externa, o Egípto e o mundo. Depois é a queda, com «l'État égyptien à l'épreuve» (cap. 5, pp. 99-113) onde a Autora procura detectar «les vestiges de l'État» nos atribulados finais do Império Antigo, a emergência dos poderes de substituição, com destaque para os soberanos de Heracleópolis (IX e X dinastias), e a evolução dos conceitos nessa época conturbada.

A segunda parte da obra começa com «L'émergence de Thèbes et le début du Moyen Empire» (cap. 1, pp. 117-133) onde se aborda a origem e a legitimidade da XI dinastia dos Antef e dos Mentuhotep, oriundos de Tebas, e a realidade institucional e política do tempo, seguindo-se «l'épanouissement du concept monarchique sous la XII<sup>e</sup> dynastie» com a tensão entre ruptura e tradição, a nova imagem do soberano, a beneficiação da zona do Faium, a política interna e externa (cap. 2, pp. 135-168), e «la force des institutions monarchiques» durante a pouco documentada XIII dinastia (cap. 3, pp. 169-186). A análise do Segundo Período Intermediário permite à Autora lembrar os vários reis hicsos, núbios (os reis de Kerma) e tebanos, com a vitória destes últimos na XVII dinastia (cap. 4, pp. 187-208).

A terceira parte inclui «Une nouvelle dynastie thébaine au pouvoir» (cap. 1, pp. 209-233), ou seja, a venturosa e rica XVIII dinastia, que coloca «Pharaon à la tête d'un empire» onde o exército e o clero de Amon vão assumindo preponderância num tempo propiciador de grandes construções (cap. 2, pp. 235-257). Vem logo depois a inevitável e breve interrupção anti-amoniana de Amen-hotep IV/Akhenaton, «Le soleil d' Amarna» (cap. 3, pp. 259-286), seguindo-se a restauração e «La gloire de l' Empire» (cap. 4, pp. 287-318), os primeiros ramséssidas, com realce para Ramsés II, e um último capítulo, «Un empire en héritage» (pp. 319-342), recordando o final tumultuoso da XIX dinastia e o início da prometedora XX dinastia até à desilusão dos últimos ramséssidas, cabendo sintomaticamente neste capítulo a XXI dinastia e a sua «gestion bicéphale du pays».

Na quarta parte é apresentada «La politique égyptienne et les formes de pouvoir» (cap. 1, pp. 343-353) das dinastias líbias, da XXVI dinastia saíta, dos invasores assírios e das últimas dinastias indígenas, mais um capítulo dedicado aos soberanos estrangeiros do Egípto (cuchitas e persas, pp. 355-366) e finalmente «Le concept monarchique égyptien des Nectanébo aux empereurs byzantins» (cap. 3, pp. 367-379), assinalando a permanência da longa tradição monárquica egípcia no Império Bizan-

tino: «Un certain nombre de dispositions relatives aux couronnements impériaux à Byzance, comme la coïncidence avec les grandes fêtes religieuses dans lesquelles ils s'insèrent et une part importante des rites spécifiques, ne peuvent laisser l'égyptologue indifférent».

A visão cronológica «estatal» que D. Valbelle tem do Egipto faraónico pode bem detectar-se na organização da Obra e nos títulos das suas quatro partes: «Le plus vieil État du monde», «La restauration de l' État égyptien», «L'Empire égyptien» e «Les derniers siècles de l' État pharaonique». A noção de «Estado» aplicada ao Egipto faraónico enquanto nação politicamente organizada, e neste volume enfatizada, pode não ser aceite por todos, a começar pelos próprios Egípcios – de resto, como a Autora reconhece, «les Égyptiens n'ont pas véritablement de mot pour désigner l'État» (p. 3).

Antes do índice remissivo, feito com algum cuidado (pp. 419-450), encontra-se a Bibliografia, que é abundante e ocupa mais de trinta páginas (pp. 385-417). Não deixará no entanto de surpreender a ausência de alguns dos títulos da sua compatriota Claire Lalouette, e só a Autora poderá dizer por que razão não utilizou o clássico *La Civilisation de l' Égypte Pharaonique* de François Daumas (1965), que naturalmente se esperaria ver mencionado numa obra deste cariz.

*Luís Manuel de Araújo*

**DIETRICH WILDUNG**, *O Egipto. Da Pré-História aos Romanos*, Arquitectura Universal da Taschen, Taschen, Colónia, 1998, 240 p. ISBN 3-8228-7698-4.

Com a boa qualidade gráfica habitual nas edições da Taschen saiu a público mais um volume da série de quarenta dedicados à Arquitectura Universal, este sobre o Egipto (presença obrigatória numa temática como esta). É seu autor Dietrich Wildung, conhecido e conceituado professor de Egiptologia em Berlim e conservador (curador, preferiu escrever a tradutora) do Museu Egípcio de Berlim, depois de ter desempenhado funções idênticas em Munique. O director editorial da publicação foi Henri Stierlin, a quem se devem vários álbuns sobre a arte do antigo Egipto. Quanto à tradução, esteve a cargo de Maria Filomena Duarte, responsável, com os serviços de redacção e de revisão da Centralivros (Lisboa), pelas diversas anomalias e discrepâncias que infelizmente enxameiam este bem paginado e ilustrado volume, como a seu tempo veremos.